

**UMA ANÁLISE FILOLÓGICO-ORTOGRÁFICA DA LÍNGUA
ESPANHOLA, EM DOCUMENTOS IMPRESSOS NA CIDADE DE
CUENCA, NO FINAL DO SÉCULO XVI**

Carolina Akie Ochiai Seixas Lima (UFMT)
carolakie@yahoo.com.br
Joyce Damaris Augusta Machado (UFMT)
damaris_52_@hotmail.com

RESUMO

Esta investigação, situada a partir de estudos filológicos, busca observar e apresentar, algumas variações grafemáticas da língua espanhola através de documentos impressos. Como fontes para esta pesquisa, são utilizados três documentos: *Historia Ecclesiastica*, y *Flores de Santos de España*, compilada pelo frade da Ordem dos Pregadores Juan de Marieta, no ano de 1594; *Versos espirituales, que tratan, de la cofn]uersion del pecador*, do também frade dominicano Pedro de Ezinas, em 1597; e por último, a obra *Discursos predicables sobre la Salve Regina*, composto pelo pregador da Ordem de São Francisco Melchior de Huelamo, em 1601. Estes manuscritos constam sua impressão na cidade de Cuenca, situada no reino de Castela, entre as cidades de Valência e Madrid. O objetivo desta apresentação é de analisar a variação da consoante “s” normal e do “s” caudado, dos ditos documentos, criando como hipótese uma tendência à uniformização da consoante no período e na região aqui descritas. Para a análise da fonte, foi realizada a coleta dos vocábulos em que aparecem as ditas letras. A transcrição de parte dos documentos impressos citados, será apresentada neste trabalho, de acordo com o que postula Spina (1977, p. 79 e 86) a respeito do texto crítico e da edição crítica.

Palavras-chave:

Edição crítica. Estudos filológicos. Variações grafemáticas

RESUMÉN

Esta investigación, basada en estudios filológicos, busca observar y presentar algunas variaciones grafemáticas del idioma español a través de documentos impresos. Como fuentes para esta investigación, se utilizan tres documentos: *Historia Ecclesiastica* y *Flores de Santos de España*, compilados por el fraile de la Orden de Predicadores Juan de Marieta, en el año 1594; *Versos espirituales, que tratan, de la cofn]uersion del pecador*, por el fraile dominico Pedro de Ezinas en 1597; y, por último, el libro *Discursos predicables sobre la Salve Regina*, compuesto por el predicador de la Orden de San Francisco Melchor de Huelamo, en 1601. Estos manuscritos fueron impresos en la ciudad de Cuenca, ubicada en el reino de Castilla, entre las ciudades de Valencia y Madrid. El propósito de esta presentación es analizar la variación de la letra consonante “s” normal y el caudado “s”, dichos documentos, planteando la hipótesis de una tendencia hacia la estandarización de las consonantes durante el período y la región aquí descritos. Para el análisis de la fuente, se recopilaron las palabras en las que aparecen las letras. La transcripción de parte de los documentos impresos citados se presentará en este documento, de acuerdo con lo que Spina (1977, p. 79 y 86) postula so-

1. Introdução

Neste texto, apresentaremos a hipótese de uma breve análise feita a partir do campo de investigação da Filologia, estudo que tem por objetivo reconstruir um texto em sua totalidade ou parcialidade, ou a determinação e o esclarecimento de um aspecto relevante e ele relacionado (BASSETO, 2001, p. 43). Faremos também uso do conhecimento histórico para contextualizar os documentos e o objeto da pesquisa, entrelaçando, desta forma, as duas disciplinas, para uma melhor análise da investigação. Será examinado em específico, o uso ortográfico dos textos espanhóis referentes ao século XVI. Utilizaremos-nos do referencial metodológico de Segismundo Spina (1977) ao examinar os textos sob o viés filológico. Segundo o autor:

[...] torná-lo inteligível [o texto] é interpretá-lo, pontuando-o racionalmente e elucidando as alusões de ordem geográfica, histórica, mitológica, isto é, com o auxílio das disciplinas subsidiárias da Filologia; a valorização do texto consiste em situar a sua importância no tempo e na carreira literária do seu autor. (SPINA, 1977, p. 80)

Para tal, tomou-se como objetivo de análise três obras publicadas na última década do século XVI na cidade de Cuenca, pertencente à região de Castela, centro espanhol. As obras aqui trabalhadas são: *Historia Ecclesiastica, y Flores de Santos de España*, compilada pelo frade dominicano Juan de Marieta, no ano de 1594; *Versos spirituales, que tratan de la co[n]juersion del pecador*, do também dominicano Pedro de Ezinas, em 1597; e a obra *Discursos predicables sobre la Salve Regina*, composta pelo franciscano Melchior de Huelamo, no ano de 1601. Estes documentos se encontram na biblioteca da Universidad Complutense de Madrid, disponíveis pelo site da biblioteca. Ostrêxtos possuem conteúdos de predominância religiosa, escrita por frades pertencentes à Igreja Católica. Desse modo, a investigação tem como foco o objetivo de trabalhar com textos de caráter culto ou semiculto, possivelmente direcionados ao público letrado religioso.

Em relação à especificidade nesta pesquisa, pretendemos desenvolver a nossa hipótese, caracterizar e analisar as variações grafemáticas encontradas nos ditos documentos. Assim como a língua, a ortografia so-

fre transformações no decorrer de todo e qualquer período histórico, independentemente de sua região, todas são passíveis de mudanças através de contatos exteriores e ressignificações interiores. Felício e Xavier (2018) destacam de Cagliari a seguinte afirmação:

Como as línguas, as ortografias são dinâmicas, variam com o passar do tempo. Essa variação e essa mudança ocorrem porque aparecem novos modismos ou por ignorância de uso, que vai se generalizando. Depois de certo tempo, essas modificações são incorporadas e passam a funcionar como qualquer outra forma gráfica de sistema. (FELÍCIO; XAVIER, 2018, p.146)

Em concordância com o autor, desenvolvemos essa investigação tendo em mente tanto a flexibilidade das mudanças ortográficas quanto a busca pela sua homogeneização, permitindo neste presente artigo, dialogar com avariação da consoante “s” normal e do “s” caudado (ſ), dos ditos documentos, criando como hipótese uma tendência à uniformização da consoante no período e na região aqui descritas.

2. Contextualizando o século XVI: a produção de documentos impressos e a difusão da literatura religiosa

No século XVI difunde-se pela a Europa a prática da impressão gráfica de livros após a construção da prensa móvel por Johann Gutenberg, em torno do ano de 1450, na cidade de Mainz. Segundo os historiadores Peter Burke (2006) e Pierre Chaunu (2002), a produção de textos impressos e o uso do papel na reprodução dos livros substituí os pergaminhos, principalmente pela agilidade e custo de sua produção. De acordo com Chaunu (2002, p.32), ocorre uma explosão na segunda metade do século XV, sendo produzidos, pelo menos, de 15 a 20 milhões de exemplares entre 1450-1550, multiplicando quatro ou cinco vezes mais do que o século XVI. Porém, não nos deixemos iludir pelos números, apesar do aumento na produção, ainda era pequeno o público letrado, formado majoritariamente pelos clérigos, nobres e parte dos burgueses.

No final da Idade Média, os grupos intelectuais do período iniciam estudos voltados às literaturas clássicas da Antiguidade, a fim de serem utilizados na construção de uma sociedade moderna. A valorização destes permitiu a “*restauración o renacer de la cultura clásica y del pensamiento cristiano*” (MIRAMÓN, 2015, p. 75), ou seja, possibilitou o florescimento do movimento denominado de Renascimento. Contudo, os estudiosos e filósofos renascentistas “eram críticos em relação a grande

parte da religiosidade medieval. Detestavam os escolásticos [...] queriam voltar as fontes da fé, sobretudo a Santo Agostinho” (AMRSTRONG, 2008, p. 343). O estudo voltou-se para as particularidades do ser humano, isto é, as atitudes e o pensamento do indivíduo e sua posição privilegiada no universo, a qual despertou o movimento intelectual do Humanismo. Resultou, evidentemente, na exaltação e dignidade do homem, aproveitando desta coincidência para harmonizar no seio do Cristianismo saberes pagãos e cristãos. “*los clásicos revivieron y constituyeron el germen de la modernidad, plenamente realizada en el Renacimiento*” (MIRAMÓN, 2015, p. 75).

A partir deste momento, com uma sociedade mais crítica com o papel do indivíduo, diversos pensadores e religiosos reprovam os fundamentos da Igreja, sua complexa hierarquia e seus dogmas. No início de século XVI emergem movimentos que exigem reformas internas e externas da Santa Sé Apostólica Romana. A insatisfação era imensa, e o receio da Igreja Católica em examinar seus privilégios e estatutos permitiu a divisão do cristianismo entre católicos e protestantes.

Diante da propagação dos movimentos reformistas, que recebiam cada vez mais adeptos, seja por questões teológicas quanto políticas, e da pressão de clérigos, os quais insistiam para que a Igreja revisasse os dogmas iniciais do cristianismo primitivo, a Santa Sé enfim reage frente às perdas de seus domínios espirituais e territoriais. Um dos meios mais eficientes para sua reforma dogmática foi através das várias leis decretadas do Concílio de Trento (1545-1563). Para os teólogos deste século, foi de suma importância para delimitar as fronteiras entre ortodoxias e herecias (BETRÁN; MORENO, 2016, p. 145).

O reino espanhol desta época, governado na primeira metade do século XVI, por Carlos V e a segunda por Felipe II, diante das reformas, reagiu em favor ao catolicismo. O concílio de Trento para Felipe foi admitido em sua totalidade, “dando a sus cánones categoría de leyes del Reino” (ORTIZ, 2005, p. 136).

Das reuniões convocadas do concílio tridentino, nota-se a preocupação em reforçar a doutrina na comunidade de fiéis. Este impulsionou uma renovação da Igreja católica exaltando a vida religiosa através de manifestações públicas servindo como tarefa de evangelização. Uma das ações de doutrinação católica foi revigorar elementos que projetam socialmente a santidade, tais como as relíquias, as hagiografias, as imagens, festividades (PABLO, 2017, p. 14). A Santa Sé Romana e Felipe II in-

sistiram e incitaram discursos nesta área. O historiador Eliseo S. Martin (2016), resume a ação do concílio tridentino frente a sociedade europeia:

Como es sabido. Trento impulsó una renovación de la Iglesia católica [...] que supuso, entre otros aspectos, una exaltación de la vida religiosa plasmada en multitud de manifestaciones con una tarea de evangelización y de uniformización de los mensajes tendente a modelar los comportamientos religiosos y morales de la población. (MARTIN, 2016, p. 193)

A partir da segunda metade do século XVI aumentou consideravelmente estudo e a reprodução sobre a vida religiosa, bem a difusão de escritos e imagens de santos, como os processos de canonização para sancionar novos milagres, e novos santos. “[...] Se multiplicó el número de documentos con descripciones de martirios: su lectura era muy valorizada, especialmente entre los religiosos” (PABLO, 2017, p. 142).

Na Espanha o processo de produções escritas estava estritamente ligada com os movimentos de reformas das ordens religiosas que se levantaram, com o apoio dos monarcas, no final do século XV e início do XVI atuando politicamente marcados por um anti-judaísmo e contra os conversos mouriscos.

No caso das produções, “los reformadores impusieron, a través de las ordenanzas de capítulos generales o provinciales, [...] libros de censos, libros de profesiones religiosas y de elecciones de superiores” (OCAMPO, 2015, p. 348). De modo semelhante, os soberanos incentivaram os cronistas, em sua maioria eclesiásticos, a produzirem conteúdos de caráter religioso para propagação e fortalecimento de seus dogmas entre os fiéis salvaguardando o controle perante os inimigos exteriores.

3. *Da oralidade à escrita: a língua espanhola e a variação grafemática*

Ao tratar-se sobre a história das línguas, muitos dados situam a padronização das línguas vulgares em substituição à predominância do latim em documentos, escritos oficiais, e composições literárias a partir do período da Idade Moderna. O latim tornava-se cada vez mais marginalizado. Ao passo que se diminuía a influência papal no território europeu, aumentavam-se os interesses e políticas nacionais, crescendo a importância da linguagem vernácula da população em todas as regiões. Segundo o historiador Perter Burke (2010), o estudo dos clássicos no movimento renascentista contribuiu na conscientização linguística europeia.

[...] em meados do século XV em diante, mais pessoas estavam percebendo as variedades linguísticas e algumas vinham se conscientizando dessas

questões com maior profundidade do que antes [...]. Num nível mais pragmático a consciência linguística foi incentivada pelo fato de um número cada vez maior de pessoas estar estudando o grego e o hebraico, além de diferentes vernáculos europeus. (BURKE, 2010, p. 32-3)

Entretanto, esse movimento inicia-se muito anteriormente ao período moderno, em algumas regiões da Península Ibérica. A “Reconquista” de territórios muçulmanos pelos cristãos, a partir do século XII, contribuiu na imposição das línguas do norte peninsular sobrepondo-se ao árabe. Paul Teyssier (2014, p. 6) diz que este acontecimento foi “determinante na formação das três línguas peninsulares – o galego-português a oeste, o castelhano no centro e o catalão a leste”. Em Portugal, a partir do ano de 1255, quando Lisboa torna-se a capital, a língua galego portuguesa espalha-se pelas regiões meridionais, constituindo-se aos poucos, o dialeto predominante. Já no território espanhol, mais especificamente na chancelaria de Castela, o latim começa a ser substituído pelo rei Alfonso X, conhecido como *El Sabio*, que adotou o castelhano como a língua do governo.

Quanto maior era o domínio da língua vernácula, se fez necessário obter sua padronização. A partir do século XV diversas gramáticas de idiomas vernáculos foram publicadas propondo regras aos falantes nativos. “Desenrolou-se na Europa nesse período uma tentativa coletiva de elevar o *status* de vernáculo, codificando-os [...] transformando-os em línguas apropriadas para a literatura” (BURKE, 2010, p. 107).

O império espanhol foi o primeiro a produzir uma gramática impressa no vernáculo. O humanista Antonio Nebrija, em agosto de 1492 publica *Gramática de la lengua castellana*, meses após a rendição do território de Granada sob o comando dos reis Católicos, Isabel de Castela e Fernando de Aragão. De acordo com o filólogo Rafael Lapesa (1981), era este momento de busca à exaltação da língua nacional.

El proceso lingüístico de unificación y expansión coincidía con el afortunado momento histórico en que las energías hasta entonces dispersas se congregaban para fructificar en grandiosas empresas nacionales. [...] El concepto de “artificio” o “arte”, esto es, regulación gramatical, estaba reservado a la enseñanza de las lenguas cultas, esto es, latín y griego: era una novedad aplicarlo a la lengua vulgar, pues se creía que, aprendida de los labios maternos, bastaban la práctica y el buen sentido para hablarla debidamente. (LAPESA, 1981, p. 288)

A língua torna-se um dos instrumentos políticos na afirmação dos poderes monárquicos. O próprio Nebrija em sua dedicatória à rainha Isabel escreve “*siempre la lengua fue compañera del império*” (LAPESA,

1981, p. 289). Em meados do século XVI inicia-se a padronização da língua castelhana no império espanhol. Após instalar a sede de seu governo em Madrid, Felipe II, converte a cidade em modelo para o restante dos seus territórios. Borjas e Balongas (2018) afirmam que:

[...] la villa se convierte en nuevo foco de prestigio del español moderno, y este valor normativo se funda en 1) la afluencia de personas de la nobleza a la corte, 2) el desarrollo de la imprenta [...] 3) la extensión de la escritura y su enseñanza reglada por medio de las cartillas impresas (Infantes, 1998). (BORJAS; BALONGAS, 2018, p. 187)

O final do século XVI repercutindo uma literatura religiosa, em favor dos dogmas católicos, e na busca de uma padronização das línguas vernáculas, forma-se o enredo dos documentos aqui analisados.

O primeiro *Historia Ecclesiastica, y Flores de Santos de España*, compilado pelo frade dominicano Juan de Marieta, no ano de 1594, descreve a vida e morte de vários santos e santas espanhóis, desde o IV ao XVI, com a preocupação em descrever sobre os santos nativos, para se ter na memória o conhecimento deste a fins de imitação. O segundo documento é o *Versos espiritvales, que tratan, de la co[n]uersion del peccador*, do também frade dominicano Pedro de Ezinas, publicado em 1597. O que se sabe é que este era mestre pregador do convento de Huete em Cuenca.

Núñez Rivera descreve-o como “hombre pío y docto, dotado de un talento notable y fácil para la poesía, inició el camino nada frecuente entre os españoles de la época de cantar los sagrados poemas” (OLIVARES, 2010, p. 24).

E por último, a obra *Discursos predicables sobre la Salve Regina*, do pregador da Ordem de São Francisco Melchior de Huelamo, em 1601, o qual compôs textos de pregação à rainha, sobre a natividade de Nossa Senhora, a são Francisco e outros.

Os referidos documentos, apesar de estarem disponíveis ao público acadêmico, não são muito estudados, portanto, não há muitos trabalhos acadêmicos relativos aos mesmos. Esta pesquisa têm o intuito de possibilitar o conhecimento sobre estas obras situadas na literatura religiosa do final do século XVI.

Esta pesquisa tem por objetivo dar os passos iniciais na análise ortográfica do período moderno e desenvolver a hipótese do presente trabalho. Sendo o século XVI o início da preocupação gramatical à uniformização das línguas, sustentamos uma tendência à uniformização da varia-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

ção grafemática consonantal “s” normal e do “s” caudado (ʃ), dos ditos documentos. Foram selecionadas algumas palavras dos documentos, encontrando-se consecutivamente, palavras retiradas da obra de Marieta, Enzinas e Huelamo.

Nossa hipótese apoia-se a afirmação dos seguintes pontos:

- Iniciais maiúsculas utiliza-se “S”;

Señor, Santiago, Saturnino, Santa

Sed, Sant, Salve, Sapho;

Saldaña, Sacro, Sera, Sacerdote.

- Iniciais minúsculas, e no meio da palavra, utiliza-se “f”;

siempre, foldado, Iglefia, nuestro;

supremo, futil, espacio, persona;

sonoro, subditos, religiosa, victoriofo,

- Na terminação de palavras no plural, usa-se “s”;

gentiles, mancebos, hermanos, coronas;

cumplidos, podays, reynos, males;

Predicadores, discursos, fieles, espirituales.

- Para o sufixo *–íssimo*, que é usado para exprimir a ideia de superlativo, usa-se o “ʃs” (s caudado es normal);

fantifsimo, felicifsimo, cruelifsimos, grãdifsimos;

fuauifsimo, jnstsifsima, antiquifsimo, doctifsima;

generalifsimo, vigilantifsimo, nobilifsimo, sacratifsima.

Estes três documentos permitem-nos refletir numa possível preocupação ortográfica inserida pelos cronistas religiosos da cidade de Cuenca, nas quais, autores diferentes absorveram os mesmos usos da consoante “s”. Sendo todos estes clérigos da Igreja católica, o que demonstra que a produção literária era dirigida, primeiramente para um público letrado religioso, possivelmente padres e pregadores locais, para a interpretação e uso na transmissão aos fiéis, nas Igrejas.

ARMSTRONG, Karen. *Uma história de Deus*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BASSETTO, B. F. *Elementos de filologia românica: história externa das línguas*. São Paulo: EdUSP, 2001.

BURKE, Peter. *Linguagens e Comunidades nos primórdios da Europa Moderna*. São Paulo: Unesp, 2010.

CARLO, Agustín Millares. *Paleografía Española: ensayo de una Historia de la Escritura en España desde el siglo VII al XVII*. Barcelona: Editorial Labor, 1929.

CHAUNU, Pierre. *O tempo das reformas (1250–1550) - volume II: A Reforma Protestante*. Lisboa: Edições 70, 2002.

FELÍCIO, C. F. e XAVIER, V. R. D. Um estudo filológico-ortográfico da língua portuguesa em Goiás: variações vocálicas e consonantais no Livro de Notas 02 (Jataí-GO). In: *Polifonia*, Cuiabá-MT, v. 25, n.37.1, p. 1-170, jan.-abril.2018.

LAPESA, Rafael. *Historia de la lengua española*. Madrid: Gredos, 1981.

LIMA, C. A. O. S. O Sistema de pontuação e abreviaturas no Latim Eclesiástico do século XI. In: *Polifonia*, Cuiabá-MT, V. 25, n. 38.1, p. 193-388, maio-agosto.2018.

MARTÍN, Eliseo Serrano. Hagiografía y milagro. Fabricar santos en la Edad Moderna. In: José Luis Betrán, Bernat Hernández, Doris Moreno (Eds). *Identidades y Fronteras culturales em el mundo ibérico de la Edad Moderna*. Bellaterra (Barcelona): Universitat Autònoma de Barcelona. Servei de Publicacions, 2016.

MIRAMÓN, Ana Suárez. *La construcción de la modernidad en la Literatura Española*. Madrid: Editorial Universitaria Ramón Areces, 2015.

NÚÑEZ RIVERA, Valentín. Por la Dignificación de la poesía religiosa. Deslindes y modelos en un prólogo de Pedro de Enzinas (1597). In: OLIVARES, Julián. *Eros divino: estudios sobre la poesía religiosa iberoamericana del siglo XVII*. Zaragoza: Prensas Universitarias de Zaragoza, 2010.

OCAMPO, Guillermo Nieva. Virtud christiana es grande, loar la memoria de los defuntos: historia de la Orden dominica y de su reforma en la

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Crónica de fray Juan de la Cruz O.P. (1567). In: *Tiempos Modernos: Revista Electrónica de Historia Moderna*. Vol. 8, Núm. 31, 2015.

ORTIZ, Antonio Dominguez e EZQUERRA, Alfredo Alvar. *La sociedad española en la Edad Moderna*. Serie historia de España XIII. Madrid: ISTMO, 2005.

PABLO, Esther Jiménez. Introducción la santidad politizada en época moderna: estudios más recientes. In: *Chronica nova: Revista de historia moderna de la Universidad de Granada*, n. 43, 2017.

_____. El martirio en las misiones durante el siglo XVII: devoción, propaganda y política. In: *Chronica nova: Revista de historia moderna de la Universidad de Granada*, n. 43, 2017.

SPINA, Segismundo. *Introdução à edótica: crítica textual*. SP: Cultrix/Edusp, 1977.

TERRICABRAS Ignasi Fernández. El fin de las terceras vías. El concilio de Trento y la definición de la frontera confesional. In: José Luis Betrán, Bernat Hernández, Doris Moreno (eds.). *Identidades y Fronteras culturales em el mundo ibérico de la Edad Moderna*. Bellaterra (Barcelona): Universitat Autònoma de Barcelona. Servei de Publicacions, 2016.

TEYSSIER, P. *História da Língua Portuguesa*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

Fontes:

MARIETA, Juan. *Historia Ecclesiastica y Flores de santos de España*. En Cuenca, en casa de Iuan Masselin, 1594.

ENZINAS, Pedro de. *Versos Espirituales*. Cuenca: en casa de Miguel Serrano de Vargas, 1597.

HUELAMO, Melchior. *Discursos predicables sobre la Salve Regina*. Cuenca: en casa de Cornelio Bolan, 1601.